COLONIALISMO NO CONTINENTE AFRICANO

Flavio Thales Ribeiro Francisco

Significados do imperialismo

- Na década de 1850 designa-se por imperialismo, na Grã-Bretanha, o governo Luís Napoleão regime sustentado no prestígio militar e na exaltação nacional.
- A partir da década de 1870, esse termo passou a ser utilizado na Grã-Bretanha com um outro sentido: “imperialismo” designava, então, os laços que a Inglaterra mantinha com as suas possessões coloniais.

Significados do imperialismo

- Até a Guerra dos Boeres (1899-1902), o termo imperialismo tinha um significado positivo. A expansão europeia era interpretada como algo positivo, um fenômeno capaz de difundir a civilização entre os povos atrasados.

John Hobson (Teorias Econômicas)

- Hobson define o imperialismo como uma das várias formas de expansionismo ao longo da história e o relaciona a formas econômicas e sociais hegemônicas no final do século XIX.
- O autor evita uma relação entre capitalismo e expansão imperial. O fenômeno do imperialismo era consequência do desequilíbrio de poder entre nações ou povos

Rosa Luxemburgo

- Luxemburgo argumentou que os países capitalistas encontravam no colonialismo uma forma de equilibrar as convulsões do sistema, utilizando colônias para captar matérias primas e mercados paras alocar produtos.

Lênin

- Lênin, em ***Imperialismo: estágio superior do capitalismo***, as contradições do capitalismo se desenvolveriam com tamanha intensidade que, antes os capitais financeiros nacionais tivessem formado um capitalismo ultraimperialista, o imperialismo entraria em colapso, abrindo caminho para o socialismo.
- Havia uma tendência do capitalismo para a monopolização.

Teorias diplomáticas

- Teoria do prestígio nacional
- Teoria do equilíbrio de forças (lógica da prevalência dos fortes sobre os mais fracos)
- Teoria da estratégia global (resposta ao nacionalismo dos africanos)

Hannah arendt

- Em, As *Origens do Totalitarismo*, a autora comenta que, ao contrário da estrutura econômica, a estrutura política não se pode expandir de maneira ilimitada. O processo imperialista é sempre carregado de uma **contradição entre fervor nacionalista e os limites da comunidade nacional.**
- Os subjugados sempre se rebelarão e os dominadores revelarão seu caráter tirânico.

Edward said

- Said argumenta que o conjunto de narrativas sobre o outro oriental, em especial o árabe mulçumano do Norte da África, estava associado à intenção de dominá-lo. A construção do conhecimento sobre o Oriental pavimentou o caminho para a dominação.

Joseph Schumpeter (Teorias psicológicas)

- o imperialismo seria a consequência de certos elementos psicológicos imponderáveis e não de pressões econômicas. Seu raciocínio, exposto em termos antes humanistas do que da preponderância racial europeia, funda-se no que ele **considera ser um desejo natural do homem: dominar o próximo pelo prazer de dominá-lo.**
- Essa pulsão agressiva inata seria comandada pelo desejo de apropriação, próprio do ser humano. **O imperialismo seria, portanto, um egoísmo nacional coletivo**: “a disposição, desprovida de objetivos, que um Estado manifesta de expandir-se ilimitadamente pela força”.

Godfrey uzoigwe (teorias da dimensão africana)

- Uzoigwe diz que a teoria com a qual ele concorda é a da dimensão africana, posto que enfatize a História da África em si, relacionando-a com os fatores externos ligados principalmente a Europa.
- Esta teoria, segundo ele, é a mais aceita porque diferente das teorias psicológicas que colocam elementos fatídicos do próprio fim do século XIX e das diplomáticas que são muitas vezes a-históricas, a teoria da dimensão africana coloca que a dominação sobrevêm de um longo processo da preponderância europeia em solo africano e que *"foram motivos de ordem essencialmente econômica que animaram os europeus e que a resistência africana a crescente invasão da Europa precipitou a conquista militar efetiva"*

Basil Davidson, Terence ranger

- A bibliografia demonstra que a expansão europeia na África ocorreu em fins do século XIX porque, pela primeira vez, os estadistas e soldados europeus tinham condições tecnológicas de fazê-lo.
- Haviam inventado, como vimos, a profilaxia do quinino, reduzindo a mortalidade por malária, criado armamentos cada vez mais sofisticados, culminando com a metralhadora, e dinamizado recursos capazes de acelerar as comunicações, o comércio e o deslocamento de tropas, como o barco a vapor, as ferrovias e o telégrafo.

África no início do século XIX: problemas e perspectivas (Jacob Ajayi)

- Deve-se evitar “(...) a tendência para explicar, exageradamente ou exclusivamente, as mudanças ocorridas na África durante o ‘século pré-colonial’ em função da intensificação da atividade dos europeus (...).” (Ajayi 2010: 2)

África no início do século XIX: problemas e perspectivas (Ajayi)

- “Não se deve traçar uma imagem deformada da evolução da África no início do século XIX, fazendo remontar a essa época a influência preponderante que os europeus só terão mais tarde sobre os processos de transformação.
- No início do século XIX, as tradições herdadas do século XVIII e as mudanças próprias à África tiveram muito mais importância do que as mudanças vindas de fora. (Ajayi 2010: 26)

África no início do século XIX: problemas e perspectivas (Ajayi)

- “A partir do momento em que se admitiu o fato de as mudanças ocorridas na África não remontarem à época colonial, despertou-se um considerável interesse no que concerne ao século que precede à colonização.
- Os historiadores consagraram vários trabalhos aos acontecimentos revolucionários do século XIX, tais como as reformas de Muhammad ‘Ali no Egito, a reunificação da Etiópia sob os imperadores Tewodros e Menelik, o Mfecane dos Estados sotho-nguni na África Central e
Austral, ou as jihad da África Ocidental.” (Ajayi 2010: 1)

África durante a primeira metade do século XIX

- Formação de Estados africanos a partir de fenômenos endógenos. Os europeus tiveram influência limitada.
- Crescimento populacional proporcionado pelo incremento da agricultura.
- O fim do tráfico de escravos, a Inglaterra, grande potência na época, o encerra em 1807.
- Estabelecimento de áreas de retornados. (Libéria, Serra Leoa e Daomé)
- Presença de missionários cristãos.
- Início de um comércio “legal” entre europeus e africanos em um contexto de “livre comércio”.

África e Egito Moderno

- Muhammad Ali estabeleceu no Egito um *modelo de desenvolvimento capitalista autônomo* que buscava a modernização do país num sentido amplo[2].
  Esse *emergir* do Egito, para utilizar a expressão de Amin (2010), se baseava no estabelecimento da cultura do algodão, em detrimento da produção camponesa para subsistência, e de sua exportação para a indústria têxtil europeia, sobretudo inglesa. Os lucros e dividendos advindos da exportação do algodão e demais matérias-primas e alimentos, por sua vez, seriam utilizados no investimento manufatureiro-industrial, no desenvolvimento da infraestrutura e no poderio militar. Tudo isso promovido pelo estado que possuía o monopólio de várias industrias, terras e serviços, assim como do comércio exterior — o que incomodava muito a burguesia livre-cambista europeia

Usman Dan Fodio

- A declaração da guerra santa espalhou-se por todos os reinos Hauçá, fazendo com que muitas pessoas se voluntariassem para se alistar no "exército" de Usman. Em 1804, Usman declarou formalmente uma guerra santa em toda a "Hauçalândia". Quatro anos depois, em 1808, Usman e os seus seguidores conquistaram Gobir, Kano, e outras cidades dos estados Hauçá. Usman dan Fodio retirou-se da batalha em 1811 e voltou a ensinar e a escrever, no entanto, os seus exércitos continuaram as conquistas até 1815.
- Esta revolução religiosa uniu os estados Hauçá sob a lei islâmica, e em 1812, levou ao estabelecimento de um império chamado Califado de Sokoto, composto por vários emirados e sub-emirados, que foram construídos nos locais onde estavam antes os estados Hauçá. O Califado de Sokoto tornou-se no mais poderoso sistema económico e político da região durante o século XIX e contribuiu muito para a islamização do norte da Nigéria.



Cecil Rhodes

- Cecil Rhodes foi um influente empresário e político britânico no final do século XIX, conhecido por seu papel na colonização do sul da África. Ele fundou a Companhia Britânica da África do Sul, que levou à expansão do domínio britânico sobre vastas áreas, incluindo os atuais Zimbábue e Zâmbia, batizadas de Rodésia em sua homenagem.
- Como primeiro-ministro da Colônia do Cabo (1890-1896), Rhodes promoveu a segregação racial e a exploração dos recursos africanos, especialmente diamantes, sendo cofundador da De Beers.
- Sua visão imperialista era de expandir o controle britânico "do Cabo ao Cairo". A figura de Rhodes é amplamente controversa, associada tanto ao imperialismo quanto ao legado do apartheid.

RHODES NA ÁFRICA



Transição do tráfico negro para o comércio de gêneros agrícolas

- Após o fim do tráfico atlântico de escravos, a África passou a **exportar cada vez mais produtos agrícolas e florestais**. Em geral, as regiões onde o tráfico de escravos era importante foram as primeiras a aderir ao comércio legítimo, muitas vezes recorrendo às estruturas comerciais existentes. **Essas regiões funcionariam como pontas de lança para a expansão colonial europeia do século XIX.**

Enfraquecimento das elites litorâneas

- Em algumas áreas em que o comércio e o tráfico de escravos propiciaram a presença de europeus desde pelo menos o século XVII, ganhou forma uma elite de africanos de formação ocidental.
- Pode-se dizer que essa elite foi fruto da precoce presença europeia. Todavia e de forma aparentemente contraditória era resultante também da fragilidade dessa presença, o que abriu espaço para que, através da instrução e da relativa europeização, ela pudesse se dedicar, **não só ao comércio, mas também à administração de tipo colonial que se estabeleceu nesses pequenos territórios sob o controle europeu.**
- Tal processo ocorreu em regiões das atuais Angola, Gâmbia, Gana, Moçambique e Nigéria.

Enfraquecimento das elites litorâneas

- No final do século XIX, em pleno contexto da expansão colonial europeia sobre o continente, esses grupos passaram a ter grande dificuldade para a manutenção de sua condição de elite.
- Os europeus, que passaram a chegar ao continente em maior número a partir de fins daquele século, tendiam a ocupar os postos mais altos da administração colonial, enquanto o comércio mais lucrativo, de exportação, passou a **atrair empresas europeias.**



Missionários religiosos

Atuaram como pioneiros da exploração das regiões interioranas do continente africano.

Corrida colonial

- A ação de Portugal e França entre 1876 e 1880 indicava claramente que estavam comprometidos na exploração colonial e na instauração de um controle formal na África. Isto obrigou finalmente o Reino Unido e a Alemanha a abandonar sua preferência pelo controle informal em favor de um domínio efetivo, o que os levou a anexar territórios na África oriental, ocidental e meridional a partir do final de 1883

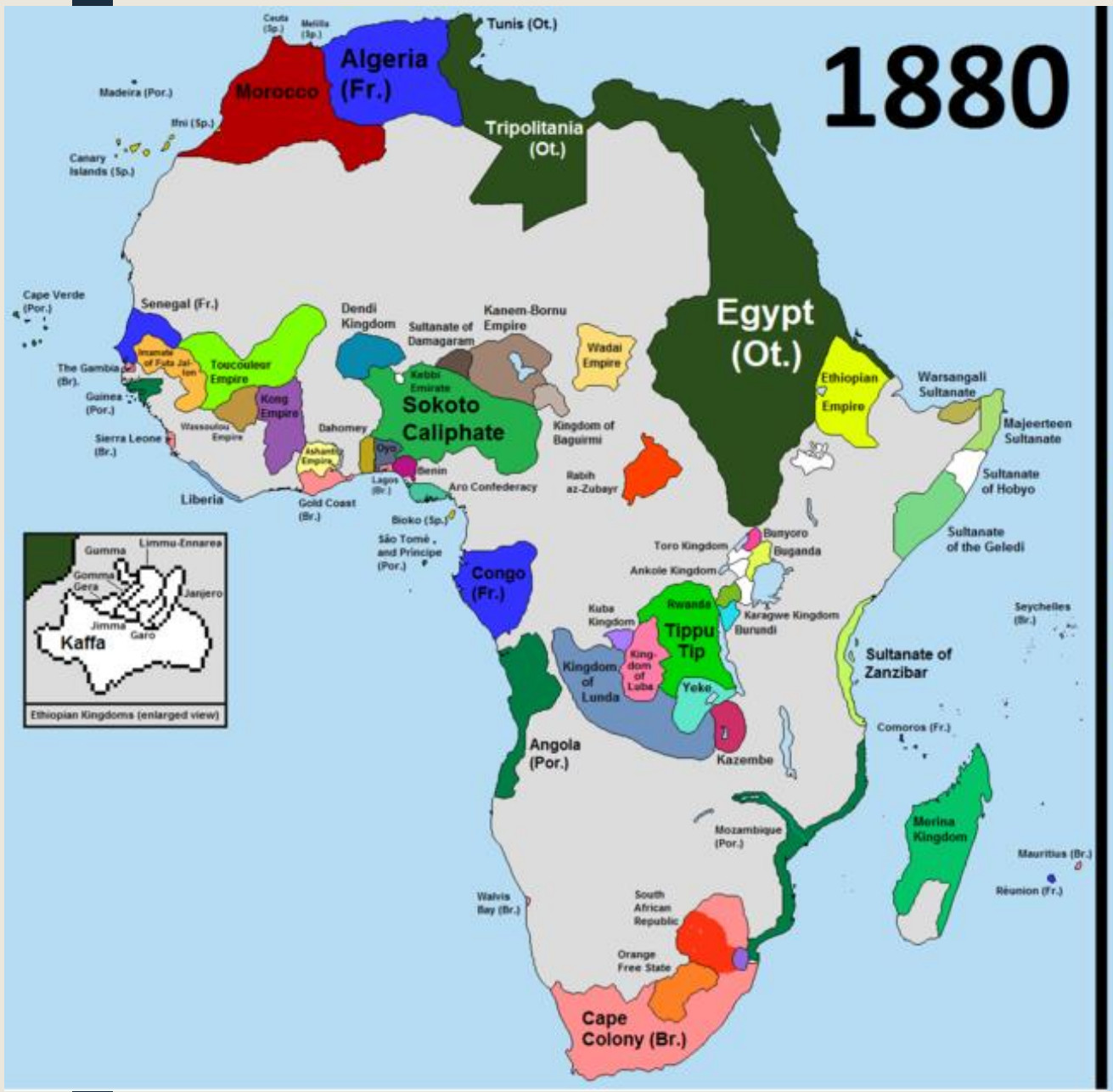
CONGRESSO DE BERLIM (1885) – PACIFICAÇÃO DA EUROPA

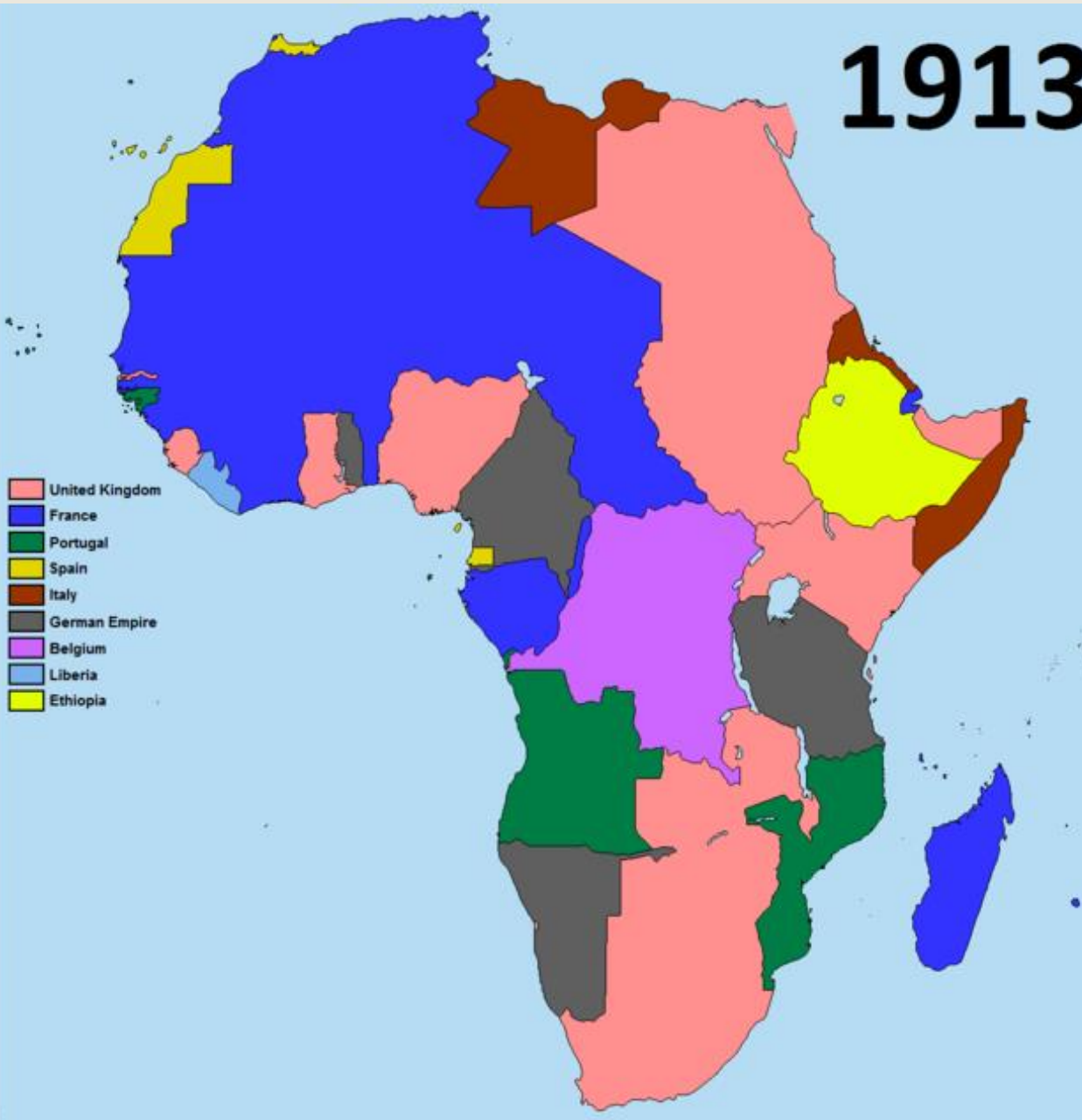


(commons.wikimedia.org)

Espanxão vs Partilha

- A utilização da expressão “expansão”, no lugar da forma ainda recorrentemente empregada por muitos autores de “partilha europeia da África”, para dar conta do processo de avanço colonial europeu sobre o continente africano, indica, à partida, um outro olhar sobre esse fenômeno. “Partilha” sugere que os europeus decidiram tudo sozinhos e num determinado momento.
- Num sentido bem diferente, o termo “expansão” objetiva enfatizar a ideia de um processo que não teve apenas os europeus como protagonistas, mas contou também com a participação decisiva, de diversas formas, dos africanos. Procura reforçar ainda que o referido processo não aconteceu num ato, mas sim que se estendeu das últimas três décadas do século XIX até a segunda década do século seguinte, com muitas idas e vindas.


1880
Ceuta (Sp.)
Melilla (Sp.)
Tunis (Ot.)
Algeria (Fr.)
Morocco
Madeira (Por.)
Ifni (Sp.)
Canary Islands (Sp.)
Tripolitania (Ot.)
Egypt (Ot.)
Cape Verde (Por.)
Senegal (Fr.)
Dendi Kingdom
Sultanate of Damagaram
Kanem-Bornu Empire
Wadai Empire
Imamate of Futa Jallon
Toucouleur Empire
The Gambia (Br.)
Guinea (Por.)
Kong Empire
Kebbi Emirate
Sokoto Caliphate
Ethiopian Empire
Warsangali Sultanate
Majeerteen Sultanate
Sultanate of Hobyo
Sultanate of the Geledi
Kingdom of Baguirmi
Rabih az-Zubayr
Wassoulou Empire
Dahomey
Ashanti Empire
Oyo
Benin
Lagos (Br.)
Aro Confederacy
Sierra Leone (Br.)
Liberia
Gold Coast (Br.)
Bioko (Sp.)
São Tomé and Príncipe (Por.)
Congo (Fr.)
Toro Kingdom
Bunyoro
Buganda
Ankole Kingdom
Rwanda
Karagwe Kingdom
Burundi
Kuba Kingdom
Tippu Tip
Kingdom of Luba
Kingdom of Lunda
Yeke
Kazembe
Angola (Por.)
Seychelles (Br.)
Sultanate of Zanzibar
Comoros (Fr.)
Mozambique (Por.)
Merina Kingdom
Mauritius (Br.)
Réunion (Fr.)
Walvis Bay (Br.)
South African Republic
Orange Free State
Cape Colony (Br.)
Gumma
Limmu-Ennarea
Gomma
Gera
Janjero
Jimma
Garo
Kaffa
Ethiopian Kingdoms (enlarged view)


1913
United Kingdom
France
Portugal
Spain
Italy
German Empire
Belgium
Liberia
Ethiopia

Definição das fronteiras

- É preciso salientar que o mapa colonial da África, como estamos vendo ao longo foi desenhado por europeus e africanos, através de resistências e negociações.
- **Seu traçado final não se configurou completamente durante a Conferência de Berlim, a mais famosa das conferências entre os grandes impérios europeus**, reunida para dar conta do formato de aproximação e controle do continente africano, ocorrida entre fins de 1884 e início de 1885, como ainda podemos ver apresentado em algumas publicações.
- Suas fronteiras foram precedidas por séculos de contatos comerciais e religiosos, e por algumas décadas de acordos entre autoridades africanas e europeias.

Causas para afirmação de tratados

- Africanos procuraram fazer alianças com europeus para fugir de inimigos
- Utilizar a aliança com europeus para demonstrar força para os súditos
- Obter a salvaguarda para manter a proteção de outros europeus

“tratados” entre africanos e europeus

- As potências europeias, em sua estratégia de expansão colonial, combinaram avanço militar e negociações com autoridades africanas, buscando a assinatura de tratados em que chefes nativos cediam terras e homens.
- Em **muitos casos, sem dominarem a escrita e as línguas europeias, lideranças africanas não sabiam o que estavam aceitando ao marcarem com cruzes folhas de papel.** Além disso, é possível supor que os africanos não atribuíssem a esses documentos, alheios à sua cultura, a força de um compromisso.
- Muitos tratados seriam apresentados por meia dúzia de militares, exploradores, missionários ou comerciantes europeus que ofereciam em troca desse risco no papel tecidos, armas de fogo e bebidas.

Tratados entre europeus e africanos

- Os tratados assinados entre a Imperial British East Africa Company (IBEAC) e Buganda mostram-nos um soberano africano solicitando a ajuda do representante de uma companhia europeia em virtude dos conflitos que o opunham aos súditos.

- O *kabaka* Mwanga II escrevera à empresa que fosse “suficientemente boa para vir e me restaurar no meu trono”; em troca, prometeu pagar à empresa com “bastante marfim, e podeis fazer todo o comércio em Uganda e tudo *o que desejais* no país sob minha autoridade”

INCERTEZAS SOBRE O RETORNO DE INVESTIMENTOS

- Grandes bancos e empresas europeias recusaram participar do momento pioneiro da expansão colonial, nessa etapa das incertezas, decidindo investir nas colônias apenas posteriormente e com garantias asseguradas pelos seus respectivos estados.
- As exceções ficaram por conta das áreas produtoras de ouro, diamante e cobre, que cedo receberam a atenção dos interesses econômicos europeus.

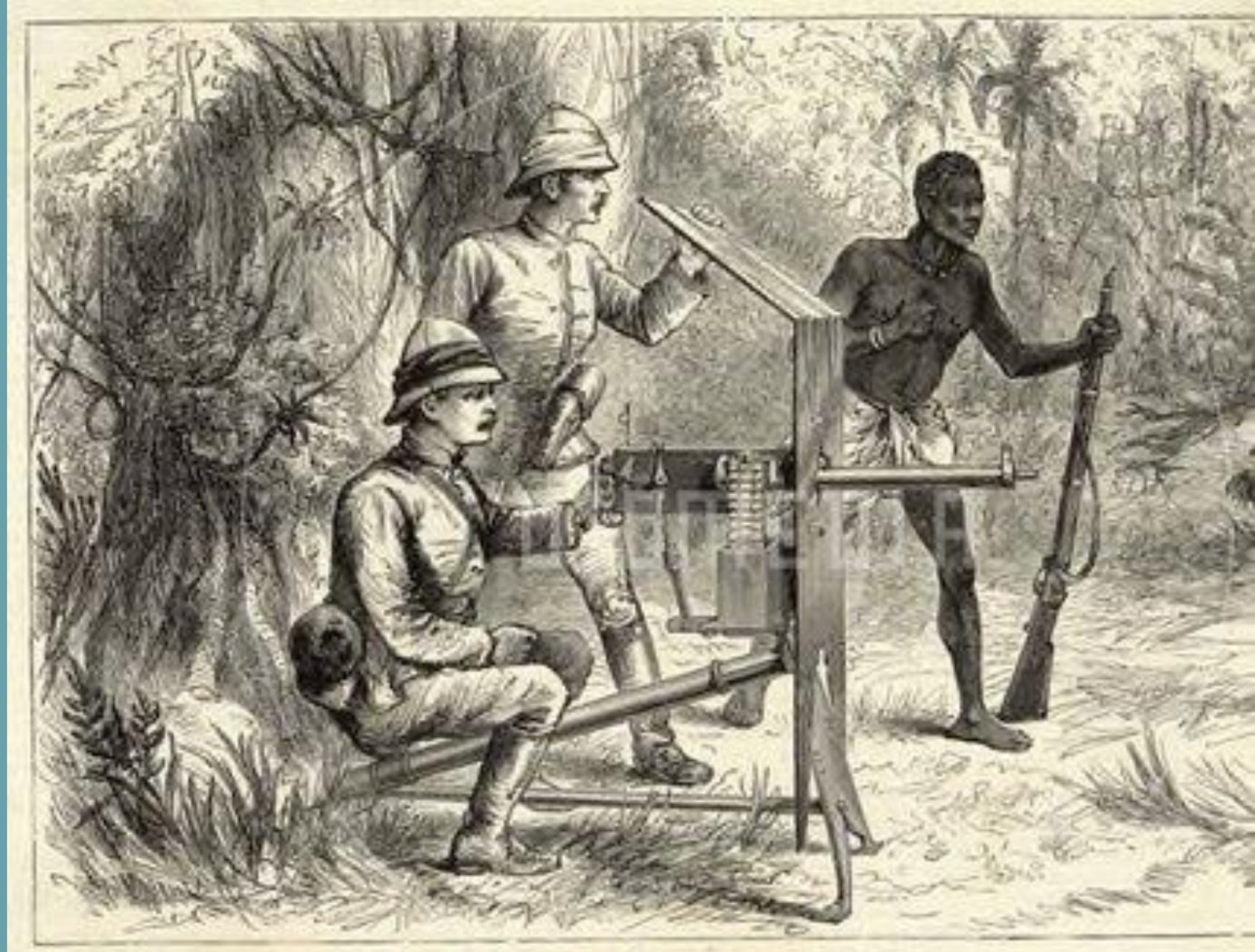
Capital político do colonialismo

- Apesar da expansão colonial, **o continente africano não dava sinais de ser fundamental para as economias europeias**. O **comércio britânico tinha interesse no Egito e na África do Sul,** mas tratava com desdém as demais regiões sob seu controle.
- A chamada “corrida para a África” **devia-se em grande parte à expectativa gerada na Europa de que o controle territorial de extensas zonas do globo era fundamental para a afirmação do poderio dos respectivos impérios** e, sobretudo, à ideia de que o Estado europeu que ficasse de fora dessa estratégia perderia espaço para seus concorrentes.

Recursos para dominação colonial

- a África foi colonizada porque, pela primeira vez, no final do século XIX, os europeus tinham condições tecnológicas de fazê-lo. Haviam introduzido a **profilaxia do quinino** na década de 1850, reduzindo a mortalidade por malária, e inventado as espingardas de carregar pela culatra, na década de 1860, e as **metralhadoras de repetição,** na década
de 1880.
- Dinamizaram recursos surpreendentemente eficazes para a época, capazes de acelerar as comunicações, o comércio e o deslocamento de tropas, como **o barco a vapor**, as ferrovias e o **telégrafo.** Até então, os europeus, com seus mosquetes e cavalos, não gozavam de uma superioridade tecnológica esmagadora diante dos africanos.

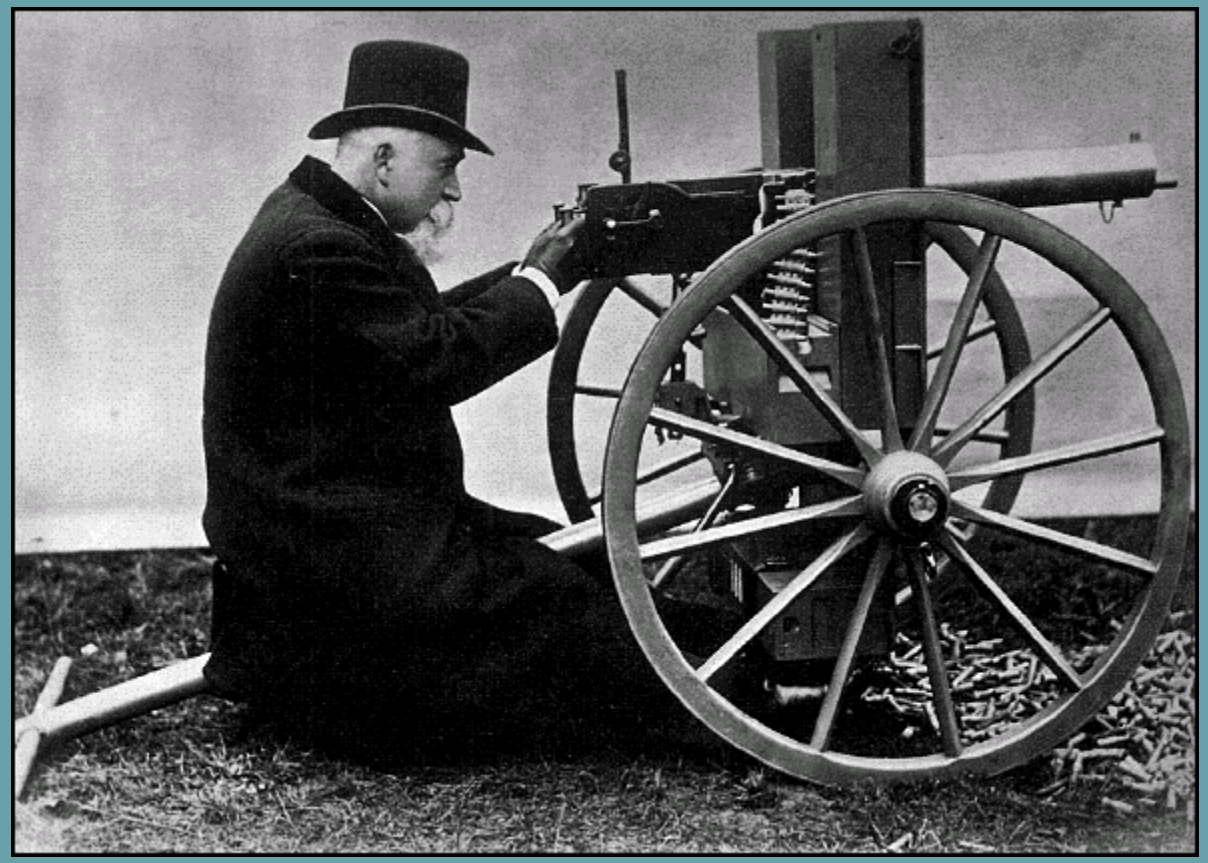
MAXIM (METRALHADORA)



MR. H. M. STANLEY WITH THE MAXIM AUTOMATIC MACHINE-GUN.

THE EMIN PASHA RELIEF EXPEDITION.

01A6ANDD * © Mary Evans | www.diomedia.com * THE MAXIM GUN The ex
finds it useful during the Emin Pasha relief expedition in central Africa * 29



METRALHADORA



Funcionamento do sistema colonial

- Subvenções e os meios de financiamento
- Confisco de terras (lei x ancestralidade)
- Formas compulsórias de trabalho
- Cobrança de impostos

CÓDIGOS DE TRABALHO INDÍGENA

- a *duração legal do contrato* que era, por exemplo, de no máximo três anos no Congo Belga e de dois anos nas províncias francesas e portuguesas, não sendo obrigatório que o registro fosse feito na carteira do trabalhador;
- *o salário*, magro salário, pago em sua maior parte em mercadorias e o restante em moeda. Por vezes, boa parte do salário pago em moeda era arrecadada pelo administrador colonial ou mesmo pelo patrão que o retinha em nome de uma economia forçada em proveito do trabalhador, mas que, verdadeiramente, servia como fundo de maneio ou até como meio de pressão por parte das autoridades;
- *a alimentação* que quase nunca correspondia à prevista na origem do contrato ocasionando, muitas vezes, fomes e mortes. Daí a preocupação, entre outros, de Albert Sarraut, que nos anos 1920 recomendava que fosse considerada com especial atenção a necessidade de conservar e aumentar a oferta de mão-de-obra. Afinal, advertia: "temos de fazer negros";
- *as multas* pesadas, que eram aplicadas à menor infração.

Por fim, mas não menos importante, foi a cobrança de impostos, quarto mecanismo de funcionamento do sistema colonial. Articulada às formas compulsórias de trabalho, a cobrança de impostos incidiu mais diretamente quando o montante relativo aos direitos alfandegários deixou de ser considerado satisfatório. Eram eles: a) *imposto pessoal*, incidente sobre todos os colonos europeus do sexo masculino; b) *imposto indígena de capitação*, cobrado de todos os africanos do sexo masculino; c) *imposto de "palhota"*, isto é, uma taxa cobrada sobre as habitações conforme o número de cômodos ("peças").

COBRANÇA DE IMPOSTOS

Estrutura dos poderes coloniais

- França, Portugal e Bélgica tenderam a administrar de maneira centralizada e hierarquizada em nome força do império.
- Grã-Bretanha e Alemanha tenderam a administrar espaços com maiores densidades populacionais e com maior estrutura, possibilitando a constituição de uma burocracia africana colonial.

Uma das diferenças básicas entre os dois modelos residia no fato de que do mais centralizador faziam parte o ministro das Colônias, o governador ou residente-geral, o Conselho do Governador-Geral (órgão consultivo), o governador, o Conselho do Governador, os administradores distritais e as chefias locais. Pragmaticamente, ao ministro das Colônias cabia decidir as linhas gerais do comando a começar pela deliberação do que era justo ou injusto, permitido ou proibido, com as demais instâncias de poder apenas reiterando suas decisões.

Já no segundo modelo, abaixo do secretário de Estado para as Colônias e do governador e acima do administrador de Distrito e das chefias locais, existiam dois Conselhos, um Executivo e o outro Legislativo, ambos marcados pela heterogeneidade de sua composição. O Conselho Executivo, a partir de 1940, passou a ser constituído também por africanos designados que iniciaram um pequeno controle sobre os assuntos relativos à governança, em particular sobre os impostos. Por sua vez, o Conselho Legislativo, só desde 1948, passou a ser integrado por membros nomeados. Embora dependesse da aprovação do governador e do secretário de Estado para as Colônias, tinha funções legislativas.

Colocada a diferença, cremos ser necessário registrar a existência em ambos os tipos de estrutura de poder do "administrador de distrito" e do chefe local. O distrito era considerado a instância administrativo-jurídica mais próxima da população, mesmo quando a circunscrição era subdividida em unidades menores. O administrador de distrito, também conhecido como "chefe de residência" ou "comandante de círculo", era um verdadeiro "deus do mato". Exercia a autoridade tomando e executando decisões com elevado grau de concentração de poder, assumindo as funções de um administrador caracterizado pela polivalência sendo ao mesmo tempo recrutador, engenheiro civil, fiscal de saúde, fiscal de ensino, juiz, chefe militar, chefe de polícia e o responsável pelo controle financeiro.

Por fim, mas não menos importante, existia o chefe local, tradicional ou designado que se constituía no elemento nuclear da estrutura administrativa, exercendo funções de instrumento auxiliar do administrador distrital para operações de recenseamento, recrutamento de mão-de-obra e recolhimento de impostos. Significa dizer que, quando o chefe tradicional era transformado em chefe designado, as novas funções para as quais era cooptado pela burocracia colonial, sobretudo nos governos diretos próprios das políticas coloniais assimilacionistas, acarretavam uma diminuição ou mesmo violação de suas atribuições e seus poderes tradicionais fundados, no plano religioso, em um caráter sagrado e, no plano da realeza africana, no seu caráter cultural.

Assimilação x diferenciação

- A assimilação tinha como objetivo converter gradualmente parte dos africanos em europeus foi mais comum entre portugueses e franceses.
- Ensino de língua oficial
- Aplicação de leis da metrópole
- Frederick Lugard definiu as políticas de diferenciação dos britânicos.
- A diferenciação combinava respeito às tradições com “inclusão” à burocracia.

1º – saber ler e escrever a língua portuguesa; 2º – possuir os meios necessários à sua subsistência e à das suas famílias; 3º – ter bom comportamento atestado pela autoridade administrativa da área em que reside; 4º – diferenciar-se pelos seus usos e costumes do usual da sua raça.[12]

REGULAMENTO DOS ASSIMILADOS

A ambivalência que definia a própria natureza da política de diferenciação (ou associação) era resolvida na prática, em primeiro lugar, incorporando-se representantes das sociedades africanas (as chefias tradicionais ou designadas) na administração indireta das colônias. Em segundo lugar, introduzindo a educação inglesa com o objetivo de tornar os africanos aptos a "entrar na economia moderna", para a qual seriam necessariamente cooptados pela força da mudança inerente à sua própria dinâmica, com o objetivo de "melhorarem" as suas próprias sociedades. Dito de outro modo, nessa política articulavam-se e movimentavam-se como feixes contraditórios: estimular igual oportunidade para todos e respeitar a "pureza e o orgulho raciais".

POLÍTICA DE DIFERENCIAÇÃO

Raça como elemento estruturante da ideologia colonialista

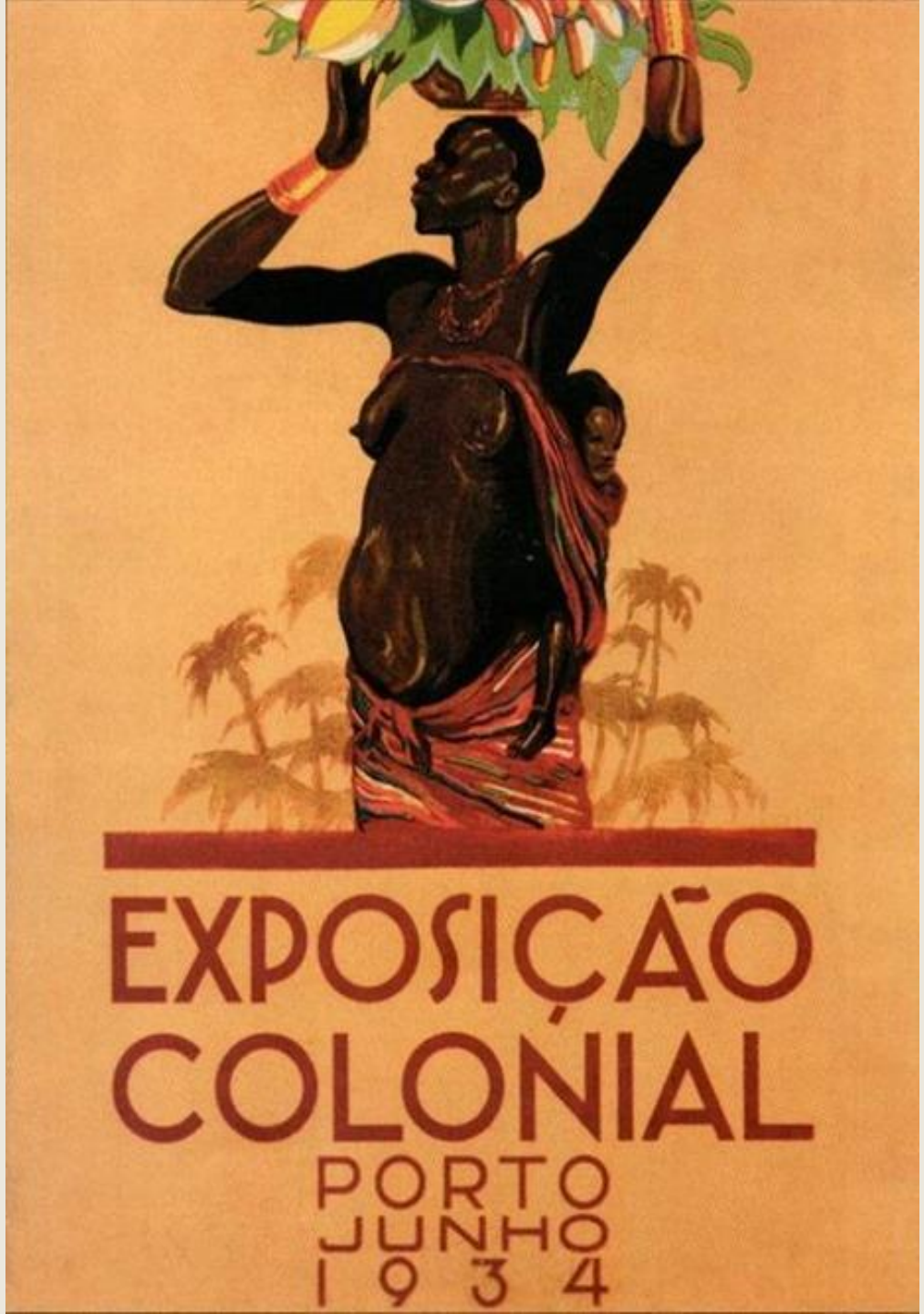
- O racismo está estreitamente relacionado à necessidade de uma justificativa ideológica para legitimar a dominação colonial. Isso porque, como afirmam alguns autores, não há colonialismo sem racismo, embora a recíproca não seja verdadeira.
- A segunda grande engrenagem do racismo seria a situação colonial, na qual diferenças reais ou imaginárias entre colonizados e colonizadores seriam postas em evidência, colocadas a serviço dos colonizadores e, finalmente, naturalizadas. A presença do racismo seria uma constante na situação colonial, manifestada até mesmo nos mais simples gestos e palavras do colonizador.

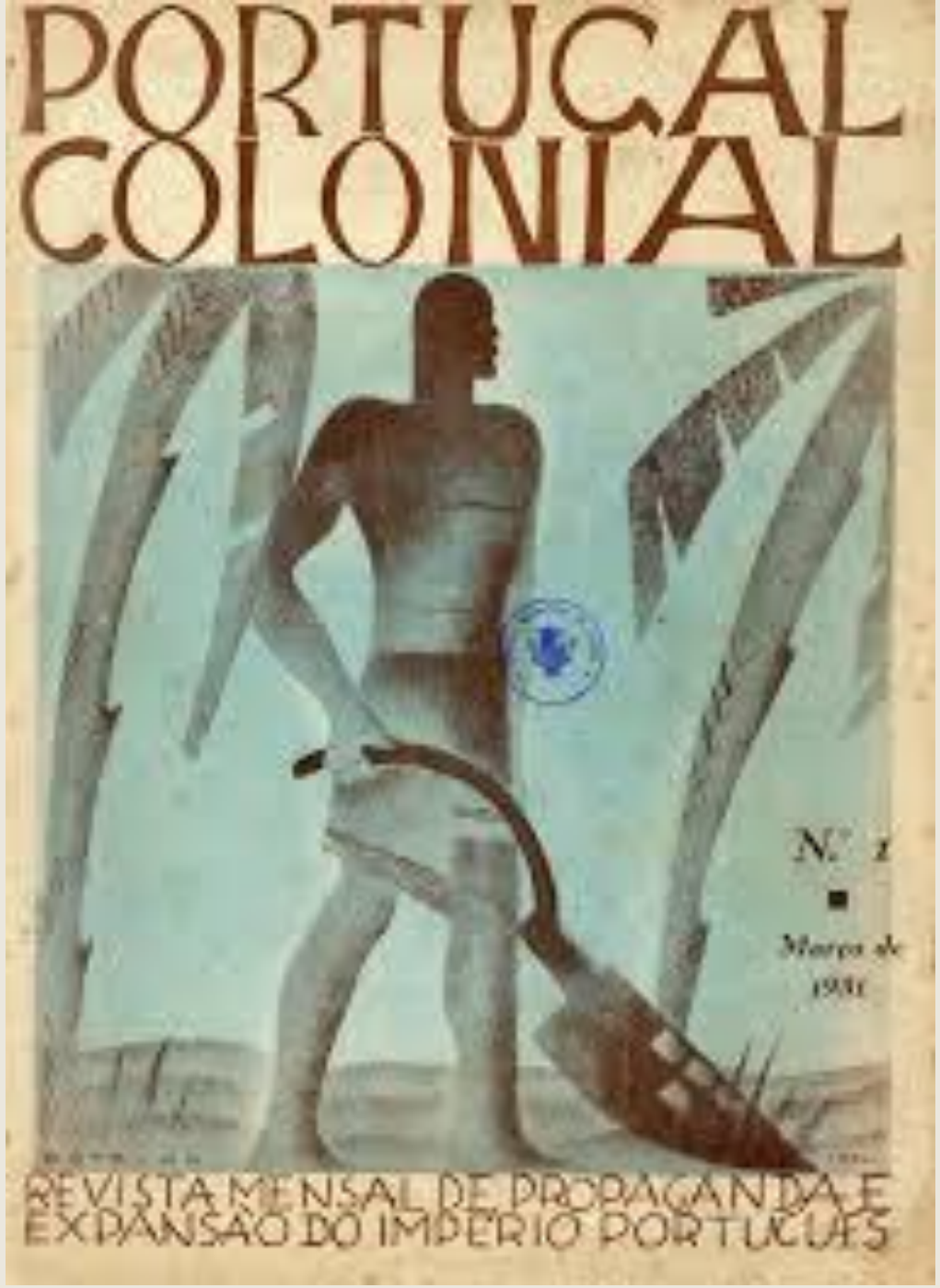
Antropologia como campo de conhecimento de dominação colonial

- O colonialismo teria contribuído para a delimitação do seu objeto, até então indefinido
  entre os terrenos da História e da Filosofia. A escola evolucionista teria determinado os diferentes estágios de evolução social, posicionando os africanos na parte mais inferior desse pensamento hierarquizante, o que proporcionou argumentos para o avanço da expansão colonial na África.
- A partir de 1930, a escola funcionalista buscaria compreender a dinâmica das sociedades e culturas africanas, contribuindo assim para sua dominação. Entretanto, no pós Segunda Guerra, iniciou-se, entre os antropólogos, o debate e a crítica ao papel da Antropologia como fornecedora de um “plano de intervenção” para os militares e administradores europeus na África

Exposições coloniais

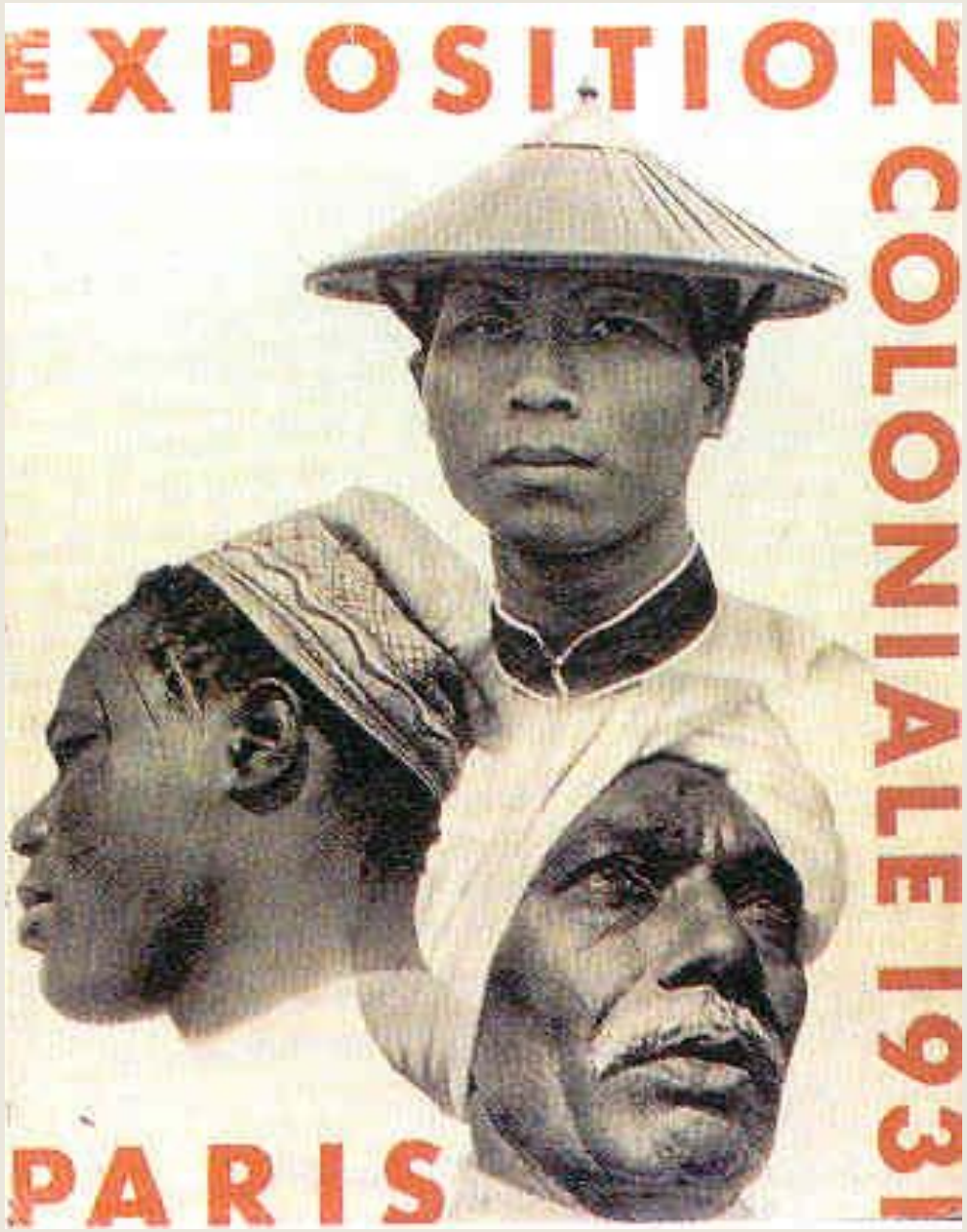
As exposições coloniais eram realizadas mundialmente durante o século XIX e na primeira metade do século XX nos países europeus. Destinavam-se a mostrar aos habitantes da metrópole, as diferentes facetas das colónias. As exposições coloniais resultavam das reconstruções espetaculares dos ambientes naturais e monumentos de África, Ásia e Oceânia. A encenação dos habitantes das colónias, muitas vezes deslocados à força do seu local de origem, deu-lhes posteriormente a classificação de zoológicos humanos.


EXPOSIÇÃO
COLONIAL
PORTO
JUNHO
1934


PORTUGAL
COLONIAL
N.º 1
Março de
1931
REVISTA MENSAL DE PROPAGANDA E
EXPANSÃO DO IMPERIO PORTUGUES


LE TOUR DU MONDE EN UN JOUR
EXPOSITION
COLONIALE
INTERNATIONALE
PARIS 1931
LE TOUR DU MONDE EN UN JOUR
ROBERT LANG, Éditeur — PARIS


LA ROCHELLE
EXPOSITION COLONIALE
DU 31 JUILLET AU 28 AOÛT 1927


EXPOSITION COLONIALE 1931
PARIS

EXPOSITION COLONIALE INTERNATIONALE — PARIS 1931



219 GROUPE D'INDIGÈNES

Zoológicos humanos







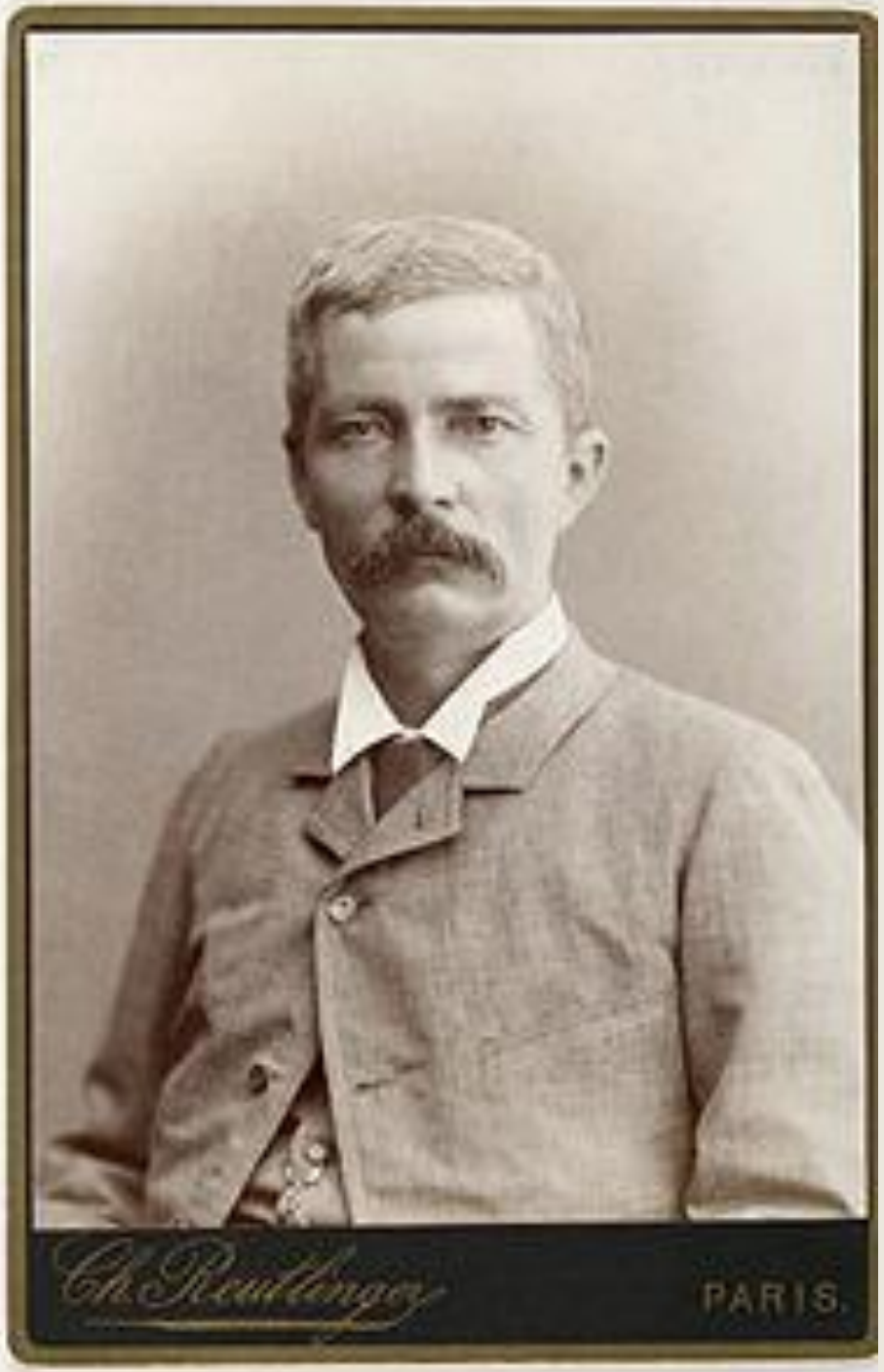


LEOPOLDO II E O CASO DO CONGO



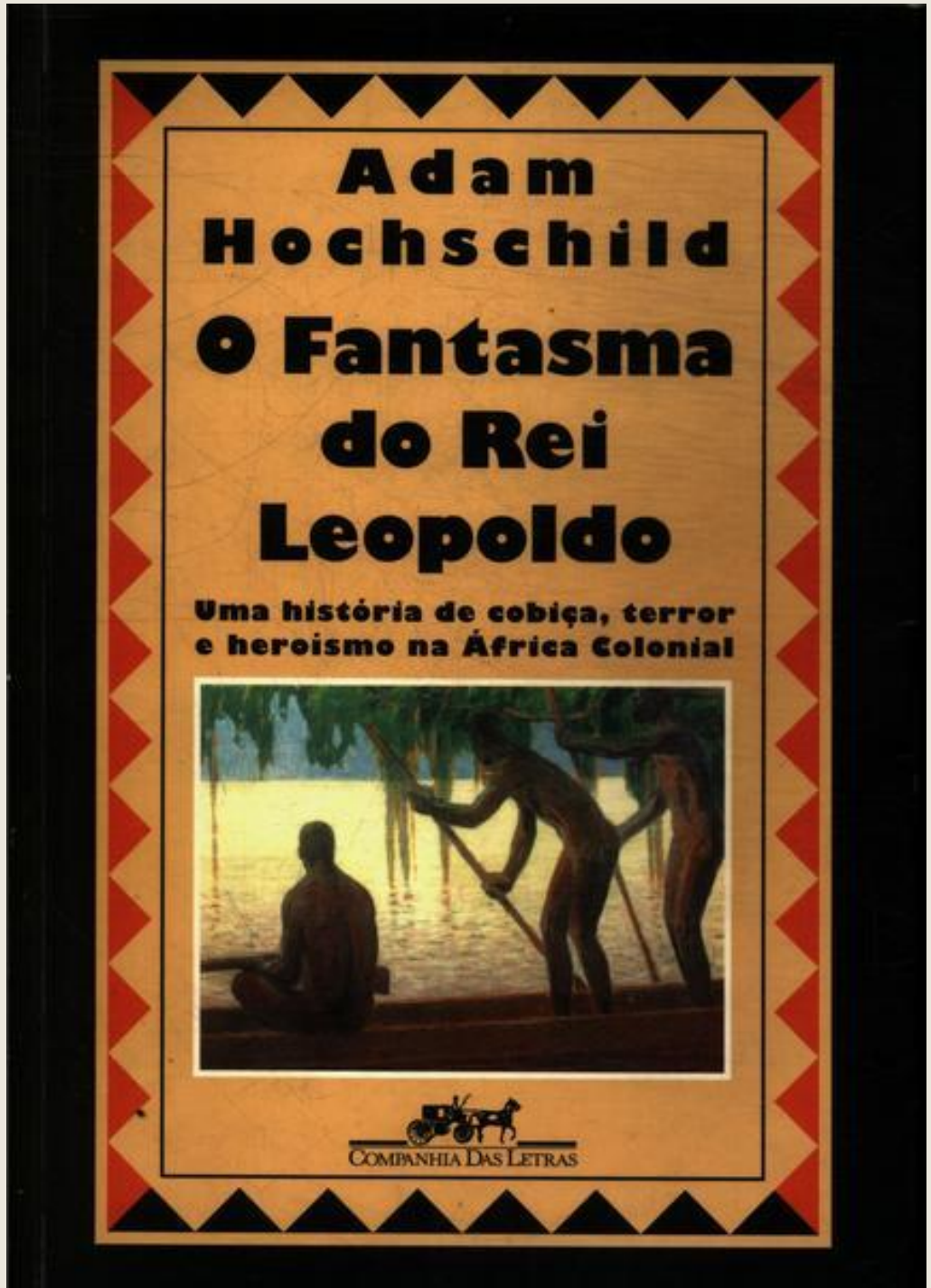
David Livingstone

- David Livingstone foi um missionário, médico e explorador escocês do século XIX, famoso por suas expedições pela África. Ele tinha como objetivo levar o cristianismo, o comércio e o combate ao tráfico de escravos ao continente africano. Livingstone explorou vastas áreas da África central e austral, incluindo a descoberta das Cataratas Vitória, que ele batizou em homenagem à rainha Vitória. Além de suas explorações, ele buscava promover o fim do tráfico de escravos e melhorar as condições de vida das populações locais. Sua famosa frase "Dr. Livingstone, I presume?" foi proferida pelo jornalista Henry Morton Stanley, que o encontrou após anos sem notícias.

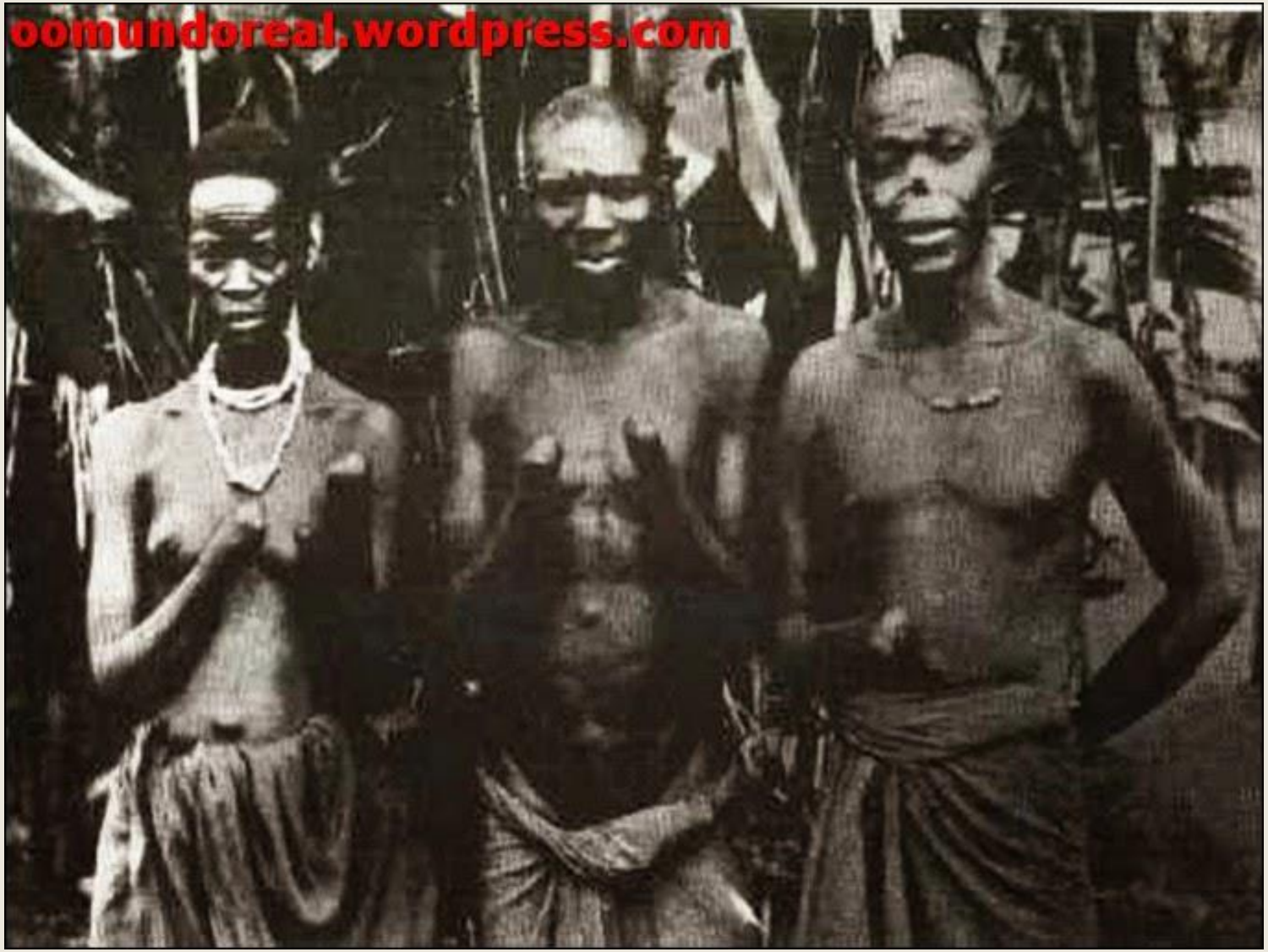


Harold Stanley

- Como correspondente do Herald, Stanley foi instruído em 1869 pelo filho de Bennett (que tinha substituído o pai na gestão do jornal) para descobrir o missionário e explorador David Livingstone, que tinha chegado a África à procura da nascente do rio Nilo e de quem não havia notícias havia algum tempo.


Adam
Hochschild
O Fantasma
do Rei
Leopoldo
Uma história de cobiça, terror
e heroísmo na África Colonial
COMPANHIA DAS LETRAS




oomundoreal.wordpress.com





menelik

- **A Etiópia de Menelik e a derrota italiana**
  Após ocuparem a Eritreia, transformando-a oficialmente em uma colônia em 1890, os italianos buscaram avançar para a Etiópia. A guerra começa em 1896, mas as tropas do imperador cristão Menelik II conseguiriam deter a ofensiva italiana. Menelik iniciara seu reinado, buscando alargar os contatos internacionais do reino, modernizar sua administração e expandir seu exército.

- Cristão ortodoxo, pertencente à Igreja Copta, construiu com habilidade boas relações com uma parcela significativa da população islâmica. Suas tropas contavam com cerca de 70 mil homens. A guerra custou a vida de 8 mil italianos e 4 mil auxiliares. A Itália seria forçada a recuar e assinar um acordo desfavorável e de reconhecimento da soberania da Etiópia, naquela que foi a grande vitória africana, nas guerras contra a ocupação europeia.



Modernização da Etiópia

- Menelik II é lembrado também por seus esforços para modernizar a Etiópia. Durante seu reinado, ele introduziu várias reformas que ajudaram a transformar o país. Ele promoveu a construção de estradas, pontes e sistemas telegráficos, e foi responsável pela fundação da nova capital, Adis Abeba. Além disso, ele promoveu o comércio internacional, abriu o país para o contato com o Ocidente e incentivou a criação de fábricas e outras formas de infraestrutura para desenvolver a economia etíope.

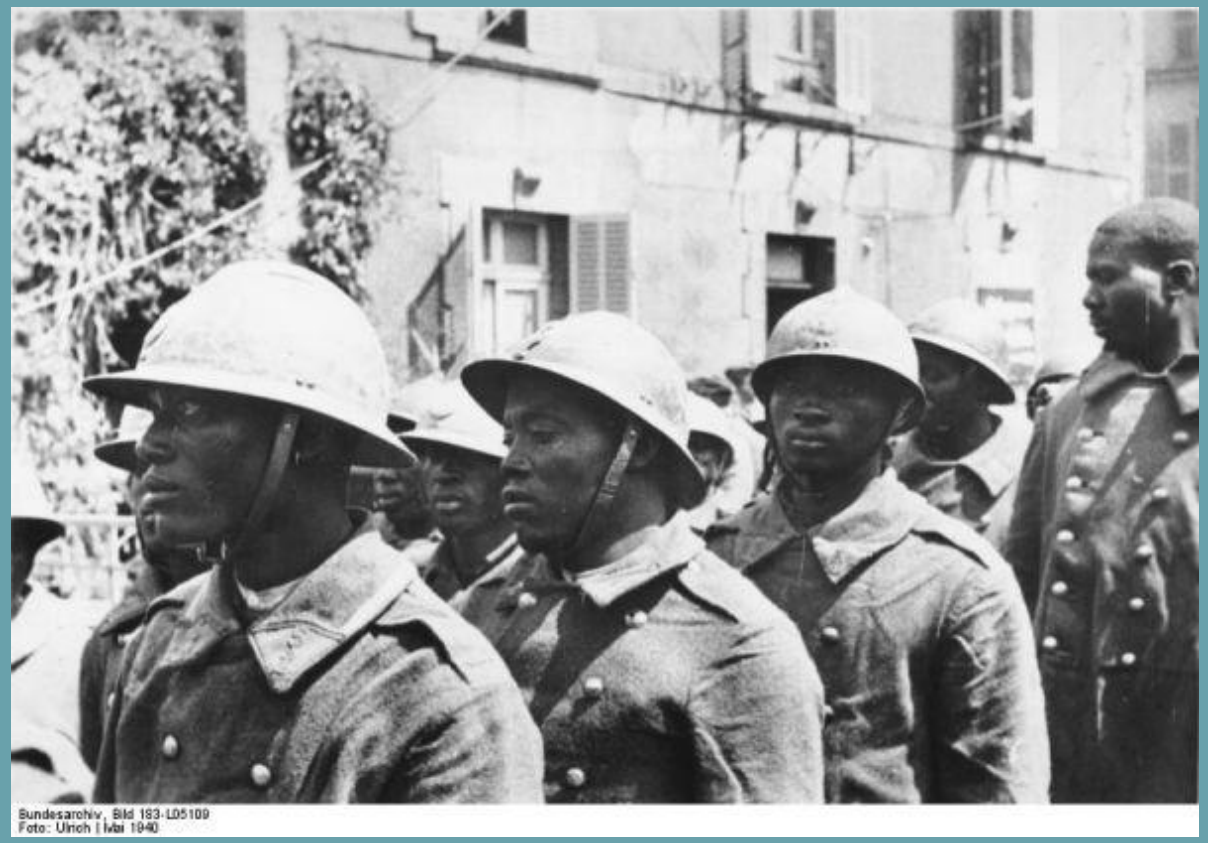
Libéria

- A Libéria foi o destino de escravos norte-americanos libertos que para lá se dirigiram com a ajuda de uma organização privada de colonização durante as primeiras décadas do século XIX. A região também receberia escravos libertados de navios negreiros apreendidos pela marinha inglesa na costa africana.
- Em 1847, seria fundada a República da Libéria, inspirada no governo dos Estados Unidos,
  o que fica evidenciado pelo nome dado a sua capital, Monróvia, em homenagem a James Monroe, o quinto presidente dos Estados Unidos e um defensor da colonização do território

Relações entre americo-liberianos e populações indígenas

- Embora a Libéria tenha sido fundada como uma "terra de liberdade" para os afro-americanos, suas relações com as populações indígenas locais nem sempre foram harmoniosas. Os americo-liberianos, que formavam uma elite política e econômica, muitas vezes adotaram atitudes coloniais em relação aos grupos indígenas, vendo-os como culturalmente inferiores. Essa divisão criou uma hierarquia social dentro da Libéria, com os americo-liberianos ocupando as posições de poder, enquanto as populações nativas tinham menos acesso a recursos e participação no governo.

- Essa tensão entre os colonos de origem americana e as comunidades indígenas moldou a história da Libéria nas décadas seguintes, gerando conflitos internos que continuaram a influenciar a política do país até o século XX.



SOLDADOS DAS COLÔNIAS NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL






alamy
Image ID: DD73D9
www.alamy.com

Argumento de Terence ranger sumarizado

- A ideia de que a partilha e a conquista eram inevitáveis para a África, como dado inscrito na sua história. Pelo contrário, considera-as a consequência lógica de um processo de devoração da África pela Europa, iniciado bem antes do século XIX.
- Admite que foram motivos de ordem essencialmente econômica que animaram os europeus e que a resistência africana à invasão crescente da Europa precipitou a conquista militar efetiva.
- Parece, de fato, que a teoria da dimensão africana oferece um quadro global e histórico que explana melhor a partilha do que todas as teorias puramente eurocêntricas.



Diminuição das relações intra-africanas

- As estruturas das colônias serão voltadas para as metrópoles, diminuindo as dinâmicas econômicas entre as populações africanas.
- Esse legado ainda tem consequências nos dias atuais, em que a União Africana fomenta projetos de conexão entre as economias do continente.